

# O Papel da Mulher Sertaneja no Contexto Familiar: A Literatura de Cordel como Fundamento

Ana Maria Costa Oliveira Santos<sup>1</sup>  
Anderson Chalhub<sup>2</sup>

## Resumo

*Trata-se de um trabalho de pesquisa documental baseado em documentos originais. Sendo também exploratória e descritiva, tendo como objetivo identificar e caracterizar os diferentes papéis da mulher sertaneja no contexto familiar, com base na literatura de cordel. A pesquisa de campo foi realizada na Casa do Sertão, em Feira de Santana-Ba, em bancas de cordel, em Salvador-BA, em blogs e sites, sendo analisados em torno de 126 cordéis, mas foram selecionados aqueles com foco na figura da mulher sertaneja, abordando sua história de vida e a dinâmica familiar. A análise dos cordéis selecionados foi realizada a partir do método de análise de conteúdo de Bardin, 1977, iniciando com pré-análise, escolha dos poemas e análise semântica e de conteúdo dos cordéis, relacionando aos seguintes objetivos: a mulher sertaneja e sua realidade histórica, papéis da mulher sertaneja no contexto familiar, dinâmica familiar na qual a mulher sertaneja está inserida. Nessa análise, foi possível perceber que os versos dos cordéis reproduzem, de forma inconsciente, o ideal de uma sociedade patriarcal, mesmo quando homenageiam as mulheres, refletem uma visão machista. No viés da tradição oral, a mulher é caracterizada na atualidade da mesma forma que era descrita no período colonial e suas atividades estão sempre representadas com papéis de menor relevância.*

**Palavras-chave:** *mulher; sertaneja; cordéis; papéis; família.*

## ***The Cordel Literature as a Basis to the Role of the Country Women in the Family Context***

## Abstract

*This is an exploratory and descriptive research based on original*

<sup>1</sup> Psicóloga, Psicopedagoga, Gerontóloga, aluna do primeiro ano do curso de Formação em Terapia Familiar do Instituto Humanitas, Salvador, BA.

<sup>2</sup> Anderson Chalhub, psicólogo, mestre em Psicologia e doutorando pela UFBA, professor das Universidades UNIJORGE e UNIFACS, Salvador, BA.

*documents that aim to identify and characterize the different roles of the country women in the family context, based on Cordel Literature. The study was conducted at Casa do Sertão, in Feira de Santana-BA, on stalls in Salvador-Bahia, on blogs and websites. We analyzed about 126 poems (known as cordéis), although we selected only those that focus on the figure of the country women, covering her life history and family dynamics. The analysis of selected cordéis were performed from the method of content analysis (Bardin, 1977) starting with pre-analysis, selection of poems and semantic analysis of content, relating to the following objectives: the country women and her historical reality, the role of country women in the family context, the familiar dynamics in which the country woman is inserted. In this analysis, it was observed that even when the cordéis verses honor the women, it unconsciously shows a patriarchal society with a sexist ideal. As an oral bias, women is characterized with less importance than men as the same way as it was at the Colonial times and her activities are always underrepresented.*

**Keywords:** women; country; string; paper; family.

## Introdução

Com esse trabalho pretende-se falar do papel exercido pela mulher sertaneja em seu contexto familiar, abordar suas lutas, superações e desafios enfrentados e conhecer como a literatura popular de cordel a retrata, discutindo as representações do ser mulher no contexto familiar do sertão e como os poetas cordelistas a descrevem.

A mulher sertaneja tem passado, desde a colonização do Brasil, por situações de muita repressão e dominação masculina. A mulher europeia, que veio para o Brasil com os portugueses, descendia de uma cultura patriarcal que tinha a mulher como uma propriedade dos pais, maridos ou irmãos mais velhos que decidiam sobre suas vidas e destinos, como a escolha do casamento.

A maioria dessas mulheres, mesmo as que descendiam de famílias abastadas, não era alfabetizada, era preparada para as prendas do lar: tomar conta da casa, bordar, cuidar dos filhos e dos serviçais. As mulheres menos favorecidas normalmente eram escravas ou mulatas descendentes de escravos. (Del Priore, 2009).

Eram tratadas como coisa ou até mesmo como animais; eram usadas pelos senhores como escravas sexuais; faziam o trabalho pesado da casa, como cozinhar, lavar, passar, além de, em muitos casos, serem perseguidas pelas patroas por ciúmes. Quando tinham filhos, esses eram vendidos

para regiões distantes para que elas pudessem tomar conta e amamentar os filhos dos senhores. As que não eram escravas, (Del Priore, 2009), tinham que “. . . garantir seu sustento. Eram, pois, costureiras e rendeiras, lavadeiras, fiadeiras ou roceiras estas últimas na enxada, ao lado dos pais, irmãos ou companheiros” (p. 250).

Nos tempos atuais, a situação do sertão ainda apresenta um cenário de grandes dificuldades para mulher, especialmente para a mulher pobre. É uma região com muitas desigualdades sociais, que sofre com ausência de políticas públicas, de desenvolvimento sustentável e necessidade de programas de inclusão. Assim, essa população, que vive da agricultura de subsistência e sofre as mazelas da seca, clama por um olhar especial das autoridades políticas do nosso país (Cordeiro, 2007).

A literatura de cordel surge no Brasil como fonte de poesia popular, um jeito de ser de um povo, de uma cultura, narrando histórias tradicionais, como os relatos do cangaço, contos que falam das dificuldades e sofrimento, além de falar poeticamente da força e superação do gênero feminino (Grillo, 2008). Essa manifestação cultural e poética tem sido pouco apreciada, por ser distribuída e vendida pelos seus autores nas ruas e feiras das cidades do nordeste. Por sua linguagem ter traços coloquiais, seu teor didático e educativo nem sempre é percebido. O folheto de cordel aborda crônicas populares que expressam a cosmovisão das raízes nordestinas (Grillo, 2008).

A história desse povo tem sido pouco explorada pelos estudos psicológicos, havendo uma grande lacuna da psicologia com relação às questões sociais e históricas. Se o indivíduo não é entendido nas suas vivências sociais e coletivas, a compreensão das suas relações afetivas fica prejudicada. A psicologia precisa sair do âmbito clínico, voltado para a realização de diagnósticos, tratamento e cura de patologias, para fazer valer sua importância social e auxiliar na história, compreendendo como acontecem as organizações, as expressões sociais e como influenciam psicologicamente o indivíduo, pois conhecendo as dimensões da vida coletiva de uma sociedade, é possível conhecer as relações afetivas e comportamentais de seus membros, sendo importante dizer que o reconhecimento social do indivíduo está diretamente relacionado com o reconhecimento afetivo, e o que sobra na psicologia, no aprofundamento da subjetividade e do inconsciente do sujeito, falta em conhecimento coletivo. A psicologia tem sustentado uma posição de atuação elitista, servindo aos interesses burgueses nos quais a simplicidade e o coletivo têm pouco ou nenhum espaço. Mas, paradigmas existem para serem quebrados.

Numa concepção de vida social, coletiva e psicológica, retrata-se a mulher sertaneja pontuando sua história familiar, sua luta numa terra semiárida

onde é desafiada a assumir o sustento da família, pois seus companheiros as abandonaram ou migraram para outras regiões em busca de trabalho. Mas essa mulher é persistente e, mesmo não despertando o interesse das ciências elitistas, é um exemplo de força, coragem e superação, vivendo em condições precárias diante da seca que castiga e maltrata o sertão.

Diante dessa realidade, surge a inquietação e o desejo de conhecer o lugar que essa mulher ocupa na sua realidade familiar. Para abordar esse tema, foram escolhidos recortes da literatura de cordel que, por intermédio da expressão linguística, foi por muito tempo um meio de propagação de notícias, feitos heroicos, além de ressaltar a esperteza de personagens folclóricos do povo nordestino. Trazer a literatura de cordel neste trabalho é uma forma de evidenciar uma expressão cultural, popular, que tem sofrido preconceito e discriminação pelo saber institucionalizado, mas que não deixa de ser uma rica fonte de estudo sócio-histórica e que, em toda sua história, teve a mulher como fonte de inspiração.

### **A vida da mulher do sertão nordestino**

Desde o período colonial, a mulher do sertão nordestino vive o grande desafio de ser “mulher” em uma região de muita seca e sem muito destaque nas decisões políticas brasileiras. Segundo relatos históricos de Del Priore (2009), mesmo as esposas de grandes fazendeiros, donos de engenhos de açúcar, eram mulheres que viviam com simplicidade, usavam poucas joias, suas vestimentas eram simples em comparação aos padrões da época que seguiam os modelos europeus. Essas mulheres além de apresentar um modo de vida parco, levando em consideração outras regiões da colônia portuguesa, mantinham comportamento e postura de dureza e austeridade, a fisionomia dificilmente esboçava um sorriso, usavam frequentemente “cabelos presos singelamente num coque sobre a nuca, vestidos pretos de mangas compridas (pois o recato era um dos valores mais cultivados)” (p. 246). Diante do sol escaldante do sertão, era raro encontrar uma mulher da sociedade sertaneja abastada vestida ricamente. Isso só poderia acontecer em festas religiosas ocorridas uma ou duas vezes ao ano, e nesses eventos especiais os fazendeiros levavam as famílias para as suas casas nas vilas (Del Priore, 2009).

A vida dessas mulheres era de reclusão, gozavam de raros momentos de diversão e com poucas atividades fora do lar, pois foram educadas para realizarem trabalhos caracteristicamente domésticos, parir e educar os filhos, organizar e administrar a casa, fazer bordados e costura, tendo dedicado toda sua atenção ao bem estar da família. Outras atividades sociais não eram papéis

destinados à mulher da elite sertaneja.

As mulheres menos afortunadas, escravas ou descendentes de indígenas, e mesmo as que faziam parte da elite social quando ficavam viúvas, tinham que trabalhar para sobreviver. Dessa forma, eram obrigadas a utilizar seus dotes culinários, domésticos e artísticos (aulas particulares de piano) para criar as suas numerosas proes. Ao realizarem essas atividades sofriam grande preconceito da sociedade, pois mulheres que viviam desse modo eram vistas pelos homens com maledicência (Del Priore, 2009). Entretanto, as escravas e as mulheres mais simples do sertão trabalhavam principalmente na roça ou como ama de leite dos filhos dos seus senhores. Também atuavam como fiadeiras e cozinheiras. Os serviços domésticos, a exemplo de lavar, passar e varrer, eram ofícios característicos.

Entretanto, mesmo inferiorizadas socialmente, desenvolviam papel importante no seio das famílias ricas, sendo parteiras, muitas vezes sem conhecer nenhuma norma de higiene ou técnica de enfermagem. Vale ressaltar que esta atividade ainda hoje é muito comum entre as mulheres que habitam esta região do país. Se o sertanejo é antes de tudo forte, é porque uma mulher guerreira e determinada o ajudou a vir ao mundo. Muitas dessas crianças que vieram ao mundo pelas mãos das parteiras eram meninas filhas de famílias abastadas que nasceram, cresceram, casaram e morreram, sem nunca terem saído das fazendas. Elas nunca estudaram ou raramente iam estudar em escolas de padres que ficavam localizadas na maioria das vezes, em Recife ou Salvador. E pouquíssimas se destacavam no mundo acadêmico. Por outro lado, o número de analfabetas era altíssimo. As mulheres do sertão não tinham nenhuma participação nas decisões políticas e econômicas, pois não eram consideradas cidadãs (Del Priore, 2009).

Foi possível observar nesse passeio histórico que a mulher sertaneja descende de uma educação repressora e patriarcal. Mas atualmente essa realidade vem se modificando. Hoje, elas ultrapassam as portas das suas casas indo ao encontro de espaços maiores, como as esferas públicas, e vão se fortalecendo.

O empoderamento efetivo das mulheres deriva de uma reformulação e desconstrução dos atuais esquemas políticos e sociais, e através da participação ativa de movimentos, . . . nas instâncias governamentais. . . . E tais aspectos, correspondam às alternativas de sobrevivências de várias mulheres e suas famílias, sobretudo, as de baixa renda, pois levavam demandas do âmbito privado para o espaço público, influenciando nos processos de tomadas de decisões (Filho & Regino, 2010, p. 2).

Essa conquista da mulher sertaneja se apresenta no seu fortalecimento de trabalhadora rural, assumindo o papel de provedora do lar e chefe de família ou como mulheres que rompem com padrões do passado, saindo de um ambiente estritamente doméstico, de subordinação e de total desvalorização, passando a lutar por melhores condições de vida para suas famílias. Essas dependem do trabalho dessas mulheres quando os homens precisam ir trabalhar em outras regiões.

A mulher que vive da agricultura no sertão ainda apresenta características da mulher que vivia nos tempos mais primitivos da história da humanidade. Sendo difícil imaginar que em pleno século XXI ainda existam cidadãs brasileiras que não são reconhecidas legalmente por falta de documentos como registro de nascimento. Esta é uma das formas mais cruéis de exclusão: o não direito à cidadania (Cordeiro, 2007).

No entanto, dificuldade nunca foi motivo de desistência para a mulher do sertão que tem como modelo de coragem o mito folclórico de Maria Bonita, mulher que viveu no cangaço em um ambiente predominantemente violento e masculino. Maria Bonita trouxe um tom de respeito para a imagem da mulher diante dos cangaceiros, ao ponto dela viver uma relação marital com Lampião e dessa relação tornou-se mãe de uma menina.

Seguindo a história de Maria Bonita, pode-se falar de Dadá, mulher de Corisco, outra mulher que teve sua história contada com a vida do cangaço. Essas duas mulheres tornaram-se exemplo de coragem, de força, passando a serem cantadas e exaltadas pelos poetas cordelistas através de seus repentes, improvisos e emboladas.

### **Literatura de cordel**

A literatura de cordel está diretamente ligada ao improviso e emboladas de seus cantadores, sendo também uma forma de registrar a cultura e a história de um povo. Os versos de cordel geralmente têm apresentação oral ou são apresentados em forma de folhetos nas feiras e praças das cidades nordestinas. O cordel brasileiro tem raízes Lusitanas. Ao chegar às terras nordestinas, encontrou um ambiente favorável alimentado pelo sistema patriarcal, pelas lutas entre famílias, e o surgimento do cangaço, tema rico para os poetas cordelistas que tem como maior fonte de inspiração: a mulher (Castro & Barbosa, s/d).

No sertão, boa parte do povo tinha pouca instrução e os folhetos eram impressos em forma de versos, estilo que facilitava a memorização dos contos, das histórias e das poesias. O cordel sempre esteve diretamente relacionado com o humor e com os personagens típicos da cultura sertaneja.

Algumas vezes, é usado como instrumento para criticar posições e posturas políticas ou, em alguns casos, traz um tom de ironia em determinadas situações cotidianas (Grillo, 2008).

Além da ironia, o cordel do sertão também costuma ter como seus personagens ou temas, os anti-heróis, as sátiras, as diabruras, as proezas, as mulheres, enaltecendo os pobres ao valorizar a sua esperteza. A literatura de cordel por muito tempo não foi bem vista pelo povo por ser uma expressão cultural distribuída nas ruas. Os seus folhetos eram vendidos nas feiras livres por possuírem uma linguagem coloquial.

Especialistas em literaturas investigam há décadas o estudo da tradição oral, sobretudo a nordestina. É na oralidade, hábito de diversas culturas que repousa o traço ancestral das literaturas populares, que sem dúvidas, o formato do cordel, a rima, o ritmo, a métrica, a ilustração . . . a maneira particular de abordagem e interpretação do fato, tudo se transforma, numa mistura de metáfora e originalidade de cada poeta, cujo resultado é o prazer do texto (Albuquerque, 2010, p. 7).

A literatura de cordel no sertão costuma levantar temas polêmicos e, entre eles, a figura feminina tem destaque não por ser um tema original, mas pela facilidade das misturas metafóricas e bem humoradas. Em muitos casos, as mulheres ganhavam status de princesas, bruxas, moças puras e donzelas, infiéis ou apenas flor de formosura. A imagem feminina sempre causa repercussão quando o assunto é o trocadilho, que pode ir do amor ao escárnio, sem esquecer o maldizer. (Albuquerque, 2010). Muitos dos contos de cordel têm o lado do escárnio, da esperteza, mas também retratam o amor, a sensibilidade. Outros, através de seus poemas, lutam por justiça e divulgam suas crenças religiosas, os mais rebeldes desafiam o diabo ou rogam a ele soluções (Castro & Barbosa, s/d).

Diante das leituras realizadas, percebe-se que é importante dizer que o cordel do sertão tem características de contextos bem marcantes, como as histórias do cangaço, o modelo de família patriarcal, as lutas constantes e disputas entre famílias, além da dureza da seca por longos períodos.

### **Família, mulher e sertão**

É comum pensar na família como uma das principais bases das relações e vínculos que serão desenvolvidos pelos indivíduos. Muitas vezes, ela é motivo de comportamentos inadequados ou insatisfatórios e estão

diretamente relacionados com a forma como essa se organiza (Ramos, 2006). O pensamento dessa autora nos remete a organização das famílias sertanejas. Nesses contextos, algumas formações familiares, principalmente as mais pobres, são exploradas pelos grandes produtores rurais. E quando seu chefe provedor é uma mulher, a situação fica especialmente complicada, pois culturalmente a mulher sertaneja ainda se encontra presa a uma tradição patriarcal. Por viver durante muito tempo sob o domínio e submissão ao homem, a mulher trabalha sem receber por isso, apenas por obrigação (Filho & Regino, s/d).

E mesmo quando a mulher precisa trabalhar para assumir o sustento dos filhos, ela é super explorada e ganha pouco. A responsabilidade de cuidar da família é exclusivamente dela, o que geralmente acontece diante de muitas dificuldades e sofrimentos. Essa dura realidade coloca a mulher do sertão na difícil tarefa de administrar a distribuição do alimento no cotidiano familiar, sendo muitas vezes preciso decidir quem come e quanto come diariamente. E nesse contexto social, a força da mulher é peça fundamental na estrutura familiar por ser responsável em manter a família alimentada, unida, além de ser, na maioria das vezes, a única responsável pela educação dos filhos (Romano, 2009).

O sertão brasileiro é um território semiárido onde a seca viabiliza uma das grandes mazelas sociais do nosso país. Nessa área esquecida pelas autoridades políticas, os poucos investimentos econômicos são no sentido de enfrentamento emergencial da seca, poucos são os projetos destinados a soluções efetivas de infraestrutura e de desenvolvimento, vivendo a carência de recursos básicos como energia elétrica, educação, saneamento, atendimento médico e empregos, havendo assim grande migração da população masculina para as grandes cidades na busca de melhores salários e condições de trabalho (Fischer, 2002). No período da seca, além da falta de água, há também grande escassez de alimentos, afetando a saúde e a nutrição, principalmente das crianças. Essa escassez segundo Fischer “é caracterizada como fome endêmica relacionada à casa da mulher, que não é pensada pelos idealizadores da política da emergência da seca” (p. 4).

## Metodologia

O presente estudo buscou (1) identificar e caracterizar os diferentes papéis da mulher sertaneja no contexto familiar, tendo como base a literatura de cordel, (2) descrever historicamente a vida da mulher sertaneja na realidade do nordeste brasileiro, (3) caracterizar a dinâmica familiar na qual a mulher sertaneja está inserida. Para tal, fez-se uso dos tipos de pesquisa



documental, exploratória e descritiva com abordagem qualitativa.

A documental está baseada no estudo de documentos originais, não sendo constituídos por trabalhos científicos. Esse estudo é realizado mediante análise dos folhetos de cordel que fazem parte da literatura folclórica do sertanejo e traz em sua constituição representações sociais que fazem referência à mulher sertaneja e ao seu contexto familiar.

A exploratória é descrita por Gil (2002) como aquela que tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema. Na descritiva, o objetivo principal é “a descrição das características de determinada população ou fenômeno estabelecendo relação entre as variáveis” (p. 42).

### **Coleta de dados**

A coleta dos cordéis foi realizada na Casa do Sertão, que fica localizada na cidade de Feira de Santana - BA, como também nas bancas de vendas de cordelistas na cidade do Salvador - BA, além de blogs e sites na internet que divulgam a cultura e poesia do sertanejo através da literatura de cordel.

No período da coleta de dados, foram lidos e analisados (conteúdo e semântica) 126 poemas de cordel relacionados com o tema da pesquisa, como: o cantor e a meretriz, (Viana, 2007), a mulher que enganou o diabo, a chegada da prostituta ao céu, (Borges, 2007), a mulher desprestigiada, (Saldanha, 2001), a mulher não é brincadeira (Junior, 2009), Maria Bonita: a musa do sertão (Mariquinha, 2008). Tendo como critério de escolha dos poemas a figura da mulher sertaneja, sua história de vida, sua dinâmica familiar e a realidade do nordeste brasileiro, dentre esses, cinco foram selecionados.

Os cordéis escolhidos foram: (1) Mulher do Sertão (2009) da autora Soraia Ciganita, cordelista, natural de Conselheiro Lafaiete, MG. Revela que esse poema foi feito para homenagear as mulheres do sertão nordestino, as artistas da vida. (2) Mulher Sertaneja (2010), do cordelista Aldemar Alves, natural de Garanhuns, PE, hoje com 72 anos. (3) Maria Bonita a musa de Lampião (2010), escrito em homenagem ao Dia Internacional da Mulher, de autoria do cordelista Antonio Barreto, natural de Santa Bárbara, BA, professor, poeta e palestrante, tendo atualmente mais de cem panfletos de cordel publicados. (4) Guerreiras (2008), em homenagem aos cem anos de comemoração do Dia Internacional da Mulher é de autoria de Rivani Nasario, mais conhecida como cangaceira do cordel, natural de Olinda, PE, artista irreverente, com formação acadêmica em jornalismo e pedagogia, tem mais de sete folhetos de cordéis educativos publicados. (5) Apologia à mulher

sertaneja (2008), de autoria de João Coutinho de Amorim, foi escrito em homenagem a uma sertaneja de nome Zabé da Loca, flautista de pífano.

### **Análise dos dados**

Os dados coletados foram analisados a partir do método de análise de conteúdo de Bardin. Para esse autor, “a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações” (Bardin, 1977, p. 32). A análise foi feita em três etapas, a primeira é a pré-análise, referindo-se a organização e seleção do material coletado, através da leitura dos folhetos. Na fase seguinte, foi feita a escolha dos poemas que foram distribuídos em quatro categorias: (1) os diferentes papéis da mulher sertaneja no contexto familiar; (2) a visão de mulher pela família sertaneja; (3) fatos históricos da vida da mulher sertaneja diante da realidade do nordeste brasileiro e (4) características dadas a mulher no contexto sertanejo. Em seguida, os cordéis selecionados foram relacionados aos objetivos, sendo estudados através da análise semântica e de conteúdo e fundamentados pelo referencial teórico que embasa esse trabalho.

### **Análise, resultados e discussão dos dados**

A análise de conteúdo é baseada na interpretação de trechos dos cordéis selecionados e traduz a visão dos autores sobre o cotidiano e os personagens históricos que povoam o imaginário e/ou ideário coletivo.

A partir de fragmentos de cordéis, no Quadro 1 está descrito historicamente a vida da mulher sertaneja.

#### **ANEXO 1 - TABELA CORDÉIS**

(Vide final do artigo)

Quadro 1- Mulher sertaneja e sua realidade histórica.

Usar o cordel para falar da história de vida da mulher sertaneja é narrar sua experiência de forma poética. Nas estrofes selecionadas acima, a vida da mulher do sertão é representada pelos autores de três modos diferentes. Ciganita (2009) fala de uma história idealizada e romântica descrevendo um ser forte e resistente a todas as adversidades da vida dura da seca, num contexto de sol que queima, maltrata, mas também da força para vencer as dificuldades, sendo o alento de suas dores. Entretanto, essa mulher é uma desafiadora do tempo, vencendo as imposições históricas, transformando dificuldades em motivação e superação.

O poeta Alves (2010), com o poema “Mulher Sertaneja”, descreve a história da mulher sofrida, cansada da labuta diária para manter sua família. Assim apresenta uma realidade de falta de oportunidades, obrigando-a a lutar contra todas as adversidades de viver em uma região árida. Não deixando de destacar as belezas dessa mulher, entretanto, coloca-a como digna de piedade por viver em uma situação tão precária, deixando clara a valorização do gênero masculino e colocando a mulher em uma posição menor diante do contexto sociocultural do sertão.

No poema “Guerreiras”, Nasario (2008) descreve duas fases da história da mulher, não apenas da mulher sertaneja, mas da mulher brasileira, pois essa história tem muitos pontos de convergência, como, por exemplo, os papéis desempenhados na família (mãe, esposa, administradora do lar). Mas em relação à mulher sertaneja, as maiores diferenças estão nas situações adversas da região e na falta de interesses políticos com relação ao sertão. Historicamente a mulher teve uma realidade de submissão e falta de voz diante da dominação e de humilhações impostas pelo poder do machismo da época.

A mulher viveu, desde o período colonial, presa a um regime patriarcal, tendo o pai, marido ou irmão como seus tutores, ou seja, ela era considerada incapaz de gerenciar sua própria vida, decidir seu destino. Muitas vezes, casava-se por determinação, escolha e interesses da família, na realidade, a mulher era tida como uma moeda de troca, como objeto de reprodução, garantindo a perpetuação das famílias. No caso da mulher do sertão, essa realidade era desafiadora e difícil, pois além de sofrer todas as mazelas características do gênero, vivia no contexto geográfico do semiárido nordestino, castigado pela seca, levando grande parte da sua população a viver em condições sub-humanas.

Os grandes períodos de seca e sol forte influenciavam negativamente a vida da mulher dessa região. A moda para as mulheres de famílias ricas era bem diversa para cada região do país. As sertanejas não podiam seguir a moda europeia da época, pois os vestidos com muitos tecidos eram insuportáveis diante de tanto calor. Essas mulheres passavam muito tempo nas fazendas, tendo hábitos simples, sem ostentação e luxo, bem diferente das que frequentavam os salões e as cidades da sociedade nobre (Del Priore, 2009). Já as pobres e escravas, criadas para servir, trabalhavam duro tendo uma aparência cansada e maltratada. Muitas delas dependiam do sustento da família e dos filhos. As mulheres quando ficavam viúvas, mesmo que fossem de famílias nobres, se apresentassem dificuldades financeiras, tinham que trabalhar para o sustento dos filhos, passando a serem vistas moralmente com má fama por serem comparadas com as escravas que

eram usadas sexualmente pelos seus senhores, principalmente as mais jovens e de beleza exuberante.

Fazendo um paralelo entre o cordel de Nasario (2008) e a literatura investigada, pode-se dizer que as senhoras e jovens da nobreza sertaneja, nesse período, tinham como atividade a organização da casa, a criação dos filhos e trabalhos essencialmente domésticos. Numa família patriarcal, a mulher tinha que casar e cuidar da prole, por isso, também, poucas sabiam ler e escrever. Com o decorrer do tempo, a história da mulher sertaneja passou por algumas mudanças, as filhas de famílias abastadas passaram a frequentar universidades e disputar espaço no mercado de trabalho de forma mais efetiva, garantindo-lhes mais independência e autonomia.

Apesar dessa evolução, as melhores oportunidades continuam nas mãos das mais favorecidas, já as mais pobres precisam trabalhar em situações bastante adversas como na lavoura para sustentar ou ajudar no sustento da família. Vale ressaltar que a fome e a miséria ainda fazem parte do contexto da mulher humilde do sertão.

No entanto, a força e a determinação do gênero feminino são exemplos de mudanças. Na atualidade, a mulher tem conquistado espaço e voz no contexto sociocultural, obtendo lugar no mercado de trabalho, na política, na educação, na economia, passando a ter o seu direito à cidadania respeitado. Maria Bonita foi um marco para essa mudança rompendo com tradições como o casamento e a necessidade da segurança de uma morada fixa. Líder nata, não reproduziu a imagem da mulher como figura frágil e submissa, representando bravamente a figura da mulher sem perder de vista a feminilidade.

Dentro desse contexto histórico, a literatura de cordel por muito tempo tem sido a única fonte de interesse pela história da mulher do sertão através de suas rimas, algumas para homenagear, outras depreciativas e preconceituosas, pois alguns cordelistas têm como característica fazer uso da sátira e do humor escrachado, desqualificando o gênero feminino. Contudo, é através do cordel que a sertaneja tem narradas suas experiências, lutas, belezas, alegrias e bravuras. A predominância das mensagens passadas traz um tom machista, forte influência do período patriarcal, ainda muito cristalizado no subconsciente do sertanejo, mesmo quando uma mulher cordelista narra suas próprias histórias. Ao narrar uma história, recorre-se a pressupostos básicos constituídos por crenças e fatos que são convencionados socialmente e, dessa forma, damos sentido às nossas experiências e estas moldam as nossas vidas. Diante disso, pode-se dizer que:

A vida das pessoas é multi-historiada, pela história dominante/

oficial que se configura em parte das experiências vividas qualificando e constituindo o sujeito, e pela história subordinada/secundária formada por uma variedade de alternativas narrativas incluindo as experiências negligenciadas pela história dominante. A busca da história subordinada alternativa através das práticas narrativas permite a entrada do sujeito em outros territórios da sua identidade, explorando recursos, habilidades e capacidades até o momento ocultas e esquecidas. (Palma, 2008, p. 3)

Quando se entra em contato com as narrativas históricas da mulher sertaneja, contextualizadas pelos poemas de cordel, torna-se possível uma leitura mais reflexiva e crítica da sua história, passando a desenvolver competências para sua ressignificação e, quem sabe, no futuro teremos novas crenças, valores e construção social ao narrarmos a história da mulher sertaneja.

Por muito tempo, a mulher teve sua vida presa a um comando institucionalizado socialmente, o poder masculino, consagrado como macho e senhor da mulher. Mas a determinação e a coragem da mulher têm mudado essa realidade, levando-a a uma posição mais igualitária e menos falocrata.

Para que se possa fazer uma análise reflexiva sobre os papéis institucionalizados para a mulher sertaneja, apresenta-se no Quadro 2 versos de cordéis que possibilitam a identificação das representações sociais dessa mulher no contexto familiar.

#### Anexo 2 - TABELA CORDÉIS 2

(Vide final do artigo)

Quadro 2 - Papéis da mulher sertaneja no contexto familiar.

Historicamente os papéis sociais destinados à mulher foram delimitados pelo homem e legitimados pela sociedade, mas quando a situação econômica da família não estava bem estruturada, a mulher passava a trabalhar para ajudar no sustento da casa. Essa condição não era bem vista socialmente, representando a incapacidade e fraqueza do homem e assim era comum que as mulheres se submetessem a trabalhos anônimos para não desqualificar o marido perante seu contexto social. Apesar da mulher, hoje, não precisar mais do anonimato, o fato de ir para o mercado de trabalho ainda causa desconforto ao mundo masculino. A posição identitária da mulher tem mostrado a fragilização do homem.

Entretanto, se deixarmos de lado o imaginário criado por uma sociedade patriarcal e partirmos para uma análise real, com base nas estrofes dos

cordéis acima citados, podemos dizer que a mulher nunca foi um sexo frágil, mas uma guerreira ativa, capaz de assumir a subsistência da sua família, ajudar e controlar o orçamento doméstico. Além de ser a base estrutural nos aspectos afetivos e emocionais e dos cuidados da família, ainda assim ser capaz de cuidar da sua subjetividade, fazendo bem seu papel social e ainda se permitir ser vista socialmente como dependente e submissa.

No entanto, na representação de seus papéis, muitas mulheres têm se destacado, tornando-se exemplos históricos de mudança, sem perder a coerência de sua cultura e provando a existência de seu poder. No contexto do sertão, mais uma vez, cita-se Maria Bonita que quebrou paradigmas, deixando a vida pacata de um casamento enfadonho para seguir a vida incerta ao lado do rei do cangaço, vivendo entre homens, mas sem se deixar apagar no contexto masculino, exercendo um papel decisório no movimento de mudança na trajetória da mulher sertaneja. E a própria história comprova que isso se dá mesmo em contextos diferentes. Podemos citar Simone de Beauvoir (1980) que de forma admirável diz: “A mulher não nasce: faz-se” (p. 13), quando aceita imposições e dogmas sociais, como também quando rompe com padrões e modelos convencionados por um regime dominante. Ela desafiou os valores morais de sua época, vivendo relacionamentos publicamente na contramão da mentalidade patriarcal. Portanto, pode-se dizer que Simone de Beauvoir e Maria Bonita são marcos da luta pela igualdade de gêneros.

A cultura do cordel nos permite enxergar a visão machista que se tinha e ainda se tem da mulher, descrevendo e caracterizando a vida e os papéis exercidos pela sertaneja através de seus poemas e rimas. Os poetas desta cultura, que na sua maioria são homens, têm como fonte de inspiração a mulher, alguns exaltam e homenageiam sua beleza e força, outros a traduzem pela submissão, evidenciando no cordel que o verdadeiro homem jamais se dobra aos desejos de uma mulher.

Na atualidade, essa mulher de vida simples e hábitos triviais voltados para o bem estar do núcleo familiar é também produtora de conhecimento que nem sempre é reconhecido pelo mundo elitista da academia. Ela é uma especialista na economia de subsistência e no cotidiano laboral de tarefas diversas no cuidar da família.

A nossa compreensão fica ofuscada diante da realidade que, em pleno século XXI, a mulher do sertão ainda se posiciona de maneira invisível. Criatura com muita criatividade, capaz de se sobressair no mercado internacional através de seus artesanatos, bordados e criações. Destaca-se pela sua sensibilidade poética como escritora e cordelista, narra suas histórias de vida, sabendo como ninguém equilibrar a economia doméstica, espe-

cialista em saber dividir o pouco alimento para uma grande prole. Exemplo de força, resiliência e aprendizado para os intelectuais e políticos que se negam enxergar a grandeza dessa mulher. E como exemplo de mulheres sertanejas que deram certo em âmbito nacional cita-se a escritora, romancista, tradutora e jornalista Rachel de Queiroz que, nascida em Fortaleza, cursou o ensino normal em colégio de freiras, reconhecida como escritora de grande importância literária, sendo a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras.

Para compreender esses eventos de superação da mulher sertaneja faz-se necessário abordar como se dá a dinâmica familiar na qual está inserida, sendo analisados com base nos versos de cordéis do Quadro 3.

### Anexo 3 - TABELA CORDÉIS 3

(Vide final do artigo)

Quadro 3 A dinâmica familiar na qual a mulher sertaneja está inserida.

A dinâmica da família brasileira no período colonial pautava-se na condição de total subordinação, silêncio e reclusão da mulher, destinada à organização da família e dos trabalhos domésticos. Ao homem cabia o sustento e autoridade máxima sobre os membros da família, com total liberdade para sair com as concubinas e as escravas. As esposas tinham geralmente comportamento passivo, vivendo na clausura do seu lar, quase não tinham vida social, salvo as reuniões religiosas ou familiares. Quando solteiras eram governadas pelos pais ou irmãos, depois do casamento, eram tidas legalmente como incapazes. Elas não podiam fazer quase nada sem a autorização do marido, nem mesmo receber os bens que foram deixados por membros da família já falecidos, eram segregadas do contexto social da época.

A passividade que caracterizará a mulher . . . é um traço que se desenvolve nela desde os primeiros anos. . . . Mas é um erro pretender que se trata de um dado biológico: na verdade, é um destino que lhe é imposto por seus educadores e sociedade. (Beauvoir, 1980, p. 210)

Algumas mulheres, não aceitando seu destino, buscavam na educação uma possibilidade de mudança, mas foi apenas a partir do século XIX que o magistério passou a ser uma profissão feminina por estar relacionado com a maternidade e preceitos religiosos. Como professora assume status de consagração, mãe a serviço da espiritualidade, atividade reconhecida pela igreja católica e validada socialmente. Assim passa a desempenhar o papel

de modelo para jovens e crianças. Contudo, ser professora era exercer um papel de respeito, cargo de máxima representação, exigindo da mulher uma acentuada regulação de conduta, “. . . precisava ter disciplinado a si mesmo, seus gestos deveriam ser contidos, seu olhar precisaria impor autoridade” (Del Priore, 2009, p. 467).

A educação formal era destinada aos homens e somente mulheres de famílias abastadas, evidentemente com a permissão do pai, tinham acesso à escola. As mais pobres, em sua maioria, eram analfabetas, pois o senso comum entendia que a mulher sabendo ler e escrever teria mais um canal de comunicação com o mundo exterior, inclusive com os homens.

Nas famílias pobres do sertão a mulher tinha um grande desafio: lutar contra a seca, a fome e muitas vezes abrir mão da sua nutrição para alimentar os filhos. Em alguns casos, pedia a Deus que seu leite não secasse por ser a única fonte de alimentação diária para seus rebentos, e essa realidade é retratada pelo poeta Amorim (2010) quando diz “. . . quando a fome castiga, o bebê chora, Maria cansada e fraca o peito murcho oferece”.

Na questão familiar é possível dizer que a mulher sertaneja impressiona pela sua dedicação e sacrifício, sendo comparada por Amorim (2010), “a Maria, mãe de Jesus” o grande exemplo cristão de dedicação e sofrimento materno, cabendo ressaltar que esse comportamento está diretamente vinculado à sua educação.

Esperava-se da mulher doação exclusiva à família, fidelidade e honestidade ao seu tutor, pai, irmão e marido, pois o seu destino estava reservado a ser mãe e esposa, tornando-se invisível a qualquer assunto que não fosse de ordem familiar e doméstica. Símbolo da honra da família, era responsabilizada por tudo que pudesse acontecer no futuro dos filhos, principalmente das meninas.

A estrutura da família sertaneja tem forte influência da religião católica, como caracteriza o cordel de Barreto (2010) em relação à família de Maria Bonita, “seus pais eram um casal de muita fé, sua mãe Maria e seu pai José”. No período colonial, as famílias sertanejas eram geralmente numerosas, morando na mesma casa, avós, tios, primos, mas toda sua base se firmava no modelo de família nuclear. Seguindo os preceitos do catolicismo, o pai era o mantenedor e chefe, a mãe era o exemplo de aceitação e santidade e os filhos representavam obediência e respeito. As mulheres casavam-se muito cedo e seus maridos eram escolhidos pelo pai, esse era indissolúvel até que a morte os separe.

Maria Bonita foi uma das mulheres que rompeu com as regras de um casamento sem amor e sem motivação, deixando seu marido para seguir Lampião, tornando-se um ícone na luta de transformação da mulher do



sertão. Nessa realidade, quando uma filha tinha uma atitude como essa, fugindo com o namorado da sua escolha para não ser obrigada a cumprir o destino definido pelo pai, a família passava por um desgosto mortal e toda a culpa recaía sobre a mãe por ser incapaz de ensinar a filha lições de submissão e obediência.

Atualmente a dinâmica familiar no sertão tem mudado muito, até pela influência da mídia. Novas constituições familiares têm surgido e crescido neste contexto, sendo muito forte o exemplo de famílias monoparentais que tem como base de sustentação financeira e emocional a mulher. Essa mudança pode ser explicada em consequência de separações, divórcios, viuvez, ou ainda quando os homens saem para trabalhar em grandes metrópoles, podendo formar outras famílias, levando a mulher ao papel de chefe do núcleo familiar. Também sendo comum o homem sair e constituir outra família, mantendo as duas.

Outra forma de estrutura familiar nos tempos atuais é a família reconstituída, fruto de novos casamentos com filhos de relações anteriores, tendo como lema o seguinte termo: os meus filhos, os seus filhos e os nossos filhos. Além do surgimento das famílias homoafetivas, resultado das relações homossexuais. Esses novos modelos de família, mesmo já tendo exemplos na realidade familiar sertaneja, ainda não são nomeados socialmente, existindo um forte movimento conservacionista do modelo religioso de família.

E assim a mulher sertaneja é vista em seu contexto familiar através da literatura de cordel e sua cultura popular. Herdeira de uma cultura patriarcal, presa ao domínio do pai ou do marido, tendo como base princípios religiosos, seguindo o exemplo da sagrada família, com valores morais e de comportamento muito bem definidos. Jovem menina, preparada para muito cedo casar, servir ao marido e filhos criar.

Pela família, a mulher sertaneja é capaz de vencer qualquer desafio até mesmo transformar o cangaço em seu lar. Para o sustento dos filhos, concorre com o homem em igualdade sem esmorecer, forte e sensível no cuidar. Mesmo cansada da peleja, não perde a sedução capaz de despertar o olhar do vaqueiro e de Virgulino Lampião. Mulher que se banha nas águas claras do seu sertão e está sempre a questionar a sua situação sem nunca se conformar, alimenta seus sonhos como o fogo alimenta as brasas do seu fogão, com o calor da lenha queimada a comida dos filhos vai cozinhar. Mãe, sofrida e protetora, alegre, profana e irreverente, digna de piedade, mas sem nunca perder a honestidade. Acima de tudo vive o seu grande papel, ser mulher.

## Considerações finais

Podemos dizer que cada mulher tem sua singularidade e isso depende de raça, nível social ou lugar onde vive. Entretanto, foi possível perceber que, diante da diversidade cultural e geográfica do Brasil, existem algumas diferenças nas representações de papéis entre as mulheres do sertão se comparadas ao resto do país. A imagem da sertaneja está muito relacionada com a representação social desempenhada em seu contexto, uma mulher de hábitos simples, popular, ativa, forte e resistente.

Muitas vezes assume a subsistência e administração da renda familiar. Do coração emana afeto, sensibilidade e cuidados frequentes com os seus. Sendo importante ressaltar que a mulher do sertão não tem a pretensão de disputar espaço com o homem, não existe a guerra dos sexos. Para ela, o que conta é cumprir resignadamente o papel determinado socialmente.

No decorrer da história do sertão, a mulher tem tido um lugar de destaque, exaltada pela força e coragem, sendo tema de contos e poemas escritos de modo artesanal e vendidos nas feiras pelos cordelistas que encantam o povo com os seus versos e assim divulgam e fortalecem esta cultura.

A literatura de cordel passou a ter uma grande representatividade no contexto sociocultural do povo sertanejo, pois além de ser um meio de comunicação cantado em versos e prosas, tem o poder de influenciar o pensamento e cultura de uma região, levando-os a refletir sobre sua condição social, assim como reforça de forma subliminar a imagem submissa da mulher. Excetuando a história de Maria Bonita que apesar de exaltar sua força e determinação como mãe zelosa que construiu uma relação conjugal num ambiente hostil como o cangaço, o cordel evidencia que foi loucura ela não aceitar seu destino.

Os cordéis analisados nesta pesquisa retratam, através de suas rimas, um pouco da história dos papéis representados pela mulher sertaneja e da sua dinâmica familiar. Com essa análise, foi possível perceber que os versos dos cordéis ainda reproduzem, de forma inconsciente, o ideal de uma sociedade patriarcal, pois, mesmo quando homenageiam as mulheres, refletem uma visão machista. No viés da tradição oral, a mulher é caracterizada na atualidade da mesma forma que era descrita no período colonial, ou seja, suas atividades estão sempre representadas com papéis de menor relevância.

A guisa de conclusão, percebe-se que existe pouco interesse de pesquisa sobre a mulher sertaneja, ficando explícita a dificuldade de conseguir material de relevância acadêmica sobre o objeto pesquisado. Sendo

necessário ao pesquisador recorrer a trabalhos de ONGs com incentivos internacionais para a agricultura de subsistência e associações comunitárias para trabalhos artesanais, voltados à formação da mulher do sertão para autonomia financeira.

Esse trabalho possibilitou uma grande reflexão sobre a realidade da mulher que, mesmo tendo muitas conquistas no mundo machista e patriarcal, ainda precisa superar a realidade de um discurso velado de aceitação e reconhecimento dos seus direitos. Conhecer os muitos papéis da sertaneja através da literatura de cordel foi um grande aprendizado para compreender a influência e poder da cultura popular em um grupo social.

Contudo, fica o desejo de que essa temática desperte o interesse para novas pesquisas, e que a Psicologia possa voltar o seu olhar para a história e a cultura de grupos sociais. E que esse desafio transforme-se em motivação e assim o conhecimento da psicologia deixe de servir apenas a interesses elitistas e burgueses, e no futuro tenhamos uma ciência que atenda a uma demanda social.

## Referências

- Albuquerque, M. E. C. de. *Vozes femininas na literatura de cordel*. Retirado em 06/04/2010: <http://www.Dci2.ccsa.uhpb.br:8080/...vozes%20femininas%20na%20literatura%20cordel.pdf>.
- Alves, A. Mulher sertaneja. Retirado em 18/08/2010, do *Recanto das Letras* <http://recantodasletras.uol.com.br/poesiasdealegria/1620431>.
- Amorim, J. C. de. Apologia à mulher sertaneja. Publicado na folha sertaneja - Paulo Afonso-BA, 2010. Retirado em 04/03/2010, do *Coutinho Poesia e Sonho* [http://www.coutinhopoesiasesonho.com/apologia\\_a\\_mulher\\_sertaneja.htm](http://www.coutinhopoesiasesonho.com/apologia_a_mulher_sertaneja.htm)
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Portugal.
- Barreto, A. C. O. (2010). *Maria Bonita a musa de Lampião*. Salvador: Akadikadikum.
- Barreto, R. P. *A estigmatização da mulher na contemporaneidade: Em casamento, relação degenerada*, de Silva Dias. Retirado em 23/08/2010, do *Escrita*: <http://www.escrita.com.br>
- Beauvoir, S, de. (1980). *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Borges, J. C. (2007). *A mulher que enganou o diabo e a chegada da prostituta ao céu* (pp.39-121). São Paulo: Hedra.
- Castro, A. & Barbosa, A. R. *Literatura de cordel e contos de fadas: Um passeio pelas histórias fantásticas de Leandro Gomes de Barros*. Retirado em 06/04/2010: <http://www.anpuhpb.org/...st%2017%20-20Aline%20de%20Castro%20e%20Ana%20rita%20Barbosa%2>

- Ciganita, S. Mulheres do Sertão. Retirado em 28/05/2010, do *Recanto das Letras*: <http://recantodasletras.uol.com.br/poesiasdealegria/1620431>
- Cordeiro, R. de L. M. (2007, maio/agosto). Vida de agricultores e história de documentos de sertão central de Pernambuco. *Rev. Estud. Fem*, 15(2).
- Del Priore, M. (org.) (2009). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- Filho, M. & Regino, F. A. O empoderamento das mulheres do sertão: Uma experiência de associativismo e desenvolvimento rural. Retirado em 06/04/2010, do *Rimisp (Centro Latinoamericano para el Desarrollo Rural)*: <http://www.rimisp.org/gtdoc.php?dpcid=6513-chile>
- Fischer, I. R., & Albuquerque, L. *A mulher e a emergência da seca no nordeste do Brasil*, UFPE, junho 2002. Retirado em 13/02/2010, do <http://64.233.163.132/searchq=cache:CyZPck5UMPMJ:www.fundaj.gov.br/tpd/139.html==+A+mulher...acessado>
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas.
- Grilo, M. Â. de F. (2008, 20-23 de junho). *A literatura de cordel e o ensino da história*. VII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação (Universidade do Porto). 13 p.
- Junior, F. Mulher não é brincadeira. Retirado em 12/07/2010, do *Poeta Felipe Junior*: <http://www.poetafelipejunior.com/2009/04/novo-cordel-mulher-nao-e-brincadeira.html>
- Mariquinha. Maria Bonita: A musa de sertão. Retirado em 18/06/2010, do *Recanto das Letras*: <http://recantodasletras.uol.com.br/cordel/1320240>
- Nasario, R. G. Retirado em 05/03/2010: <http://www.sindsprev.org.br/documentos/cordeliadamulher.pdf>
- Osorio, L. C., & Valle, M. E. P. (2011). *Manual de terapia familiar*. Volume II, Porto Alegre: Artmed.
- Palma, F. G. (2008, outubro). Terapia narrativa. *Ideias sistêmicas, caderno do CEFAL*, V(5).
- Ramos, M. (2006). *Introdução à terapia familiar*. São Paulo: Claridade.
- Romano, S. F. (2009, 18-19 de junho). *Dos sentimentos e ressentimentos das mulheres do sertão do Brasil Central*. Anais do simpósio Vozes plurais: estudos e pesquisas em sexualidades, gênero e intersecções. Goiânia.
- Saldanha, Z. (2011). *Cordel, a mulher desprestigiada*. São Paulo: Hedra.
- Silva, M. R. da. (2002, abril). Recortando e colando as imagens da vida cotidiana do trabalho e da cultura lúdica das meninas-mulheres e das mulheres-meninas da zona da mata canavieira pernambucana. *Cad.*

CEDES, 22(56).

Viana, K. (2007). *Cordel, o cantor e a meretriz*. São Paulo: Hedra.

**Endereço para correspondência**

anacostanena@hotmail.com

Enviado em 17/02/2012

1ª revisão em 18/06/2012

Aceito em 05/07/2012

## ANEXO 1 - TABELA CORDÉIS

CORDÉIS		
Guerreiras	Mulher Sertaneja	Mulher do sertão
A história já mostrou Verdadeira submissão Abaixavam a cabeça Tinham medo de dizer não Mas isso foi no passado E não vai voltar mais não.	Mulher sertaneja da cor do sertão Que dorme no chão com roupa de chita Que amarra o cabelo com laço de fita Amor que habita no meu coração.	Mora em um sertão onde a lua nasce todos os dias. Vejo com o vento teus movimentos! Existe um carisma. Artista e Mulher! Um ser qualquer. A dona dessa poesia. Aprendi entender sua exclamação pelo meu prisma.
Passaram humilhações Coisas de arrear Mas a mulher é mesmo forte Não deixou isso avançar Levantam sempre a bandeira Pra luta continuar.  Da exclusão à conquista Temos é que admirar Mulheres trabalhadoras Começaram a lutar Conquistando seu espaço Para o Brasil prosperar.  Nasario (2008)	Mulher sertaneja do corpo dourado Do lenço rasgado, voltando do rio Do rio sem água, do pote vazio Inverno tardio, verão desgraçado.  Alves (2010)	Essa mulher que refresca nas águas da lua do nordeste.  Como um quebranto secular! Uma feiticeira do seu tempo.  Refaço um poema! Aceito tua sugestão! Estou no sudeste.  Não fujo desse desafio! Uma forma de ultrapassar meu vento.  Ciganita (2009)

Quadro 1- Mulher sertaneja e sua realidade histórica.

## ANEXO 2 - TABELA CORDÉIS 2

CORDÉIS		
Mulher Sertaneja	Apologia à mulher sertaneja	Maria Bonita: a musa de Lampião
Mulher sertaneja, do corpo cansado Do rosto tostado tão cheio de brilho Da saia melada de papa de milho Que fez para o filho que vem do roçado.  Mulher que concorre com um caçador Parece um motor que roda moinho Que luta na roça, que rompe o espinho, E sobra um tempinho pras coisas do amor.  Alves (2010)	O sol a pino lhe queima a pele bronzeada, Coloca o chapéu na cabeça e enrola a mão calejada, Se orgulha de ser nordestina, de ter a pureza menina, E de nunca ter sido mimada.  Vemos seu corpo adiante, Cansado, porém vibrante Vemos seus pés latejantes Rachados, porém importantes Na luta que, todo dia, faz o seu ser exultante.  Enquanto trabalha pesado, Espantando as tristezas, Sentindo do vento a leveza...  Amorim (2010)	Voz ativa no cangaço Ao lado de Lampião Maria Déia passou A brilhar na sua missão Mostrando que a mulher É muito mais que emoção.  A conviver entre os homens Maria não se curvou Num ambiente machista Muita coisa ela mudou E o poder de liderança No cangaço ela emplacou.  Barreto (2010)

Quadro 2 - Papéis da mulher sertaneja no contexto familiar.

## ANEXO 3 - TABELA CORDÉIS 3

CORDÉIS		
Maria Bonita a musa de Lampião	Apologia à mulher sertaneja	Mulher Sertaneja
Os meus pais eram um casal de muita fé Sua mãe era Maria e seu pai era José ... Aos 15 anos casou-se com Neném o sapateiro. Mas a menina buscava um especial parceiro. Eis que surge Lampião O seu amor verdadeiro.  Da união com Virgulino, Maria Bonita deixou Sua filha Expedita que por sua vez gerou (...) E a história não parou. A família aumentou em perfeita união, pois existem três bisnetas de Maria e Lampião.	Mulher, Maria, Mulher Toda mulher é Maria e toda Maria é mulher, Maria mãe de Jesus Maria cheia de graças Maria que é mulher.  Quando um filho chora a dor, a mãe logo aparece E quando a fome castiga, o bebê chora e padece Maria, cansada e fraca, seu peito murcho oferece.  Ganha de Deus Um legado: ser a mãe de Jesus Cristo E ao homem nordestino, na sua infinita pureza, Deus o Abençoou e disse essa é a sua riqueza.	Mulher sertaneja, bonita e honesta Que rompe floresta, que corta madeira ... No mato sozinha ninguém desrespeita Mulher mais direita da face da terra  Mulher que campeia na aba da serra O bicho que berra ela corre e ajeita. Mulher que se liga na flor do canteiro Empresta o seu cheiro á flor que cultiva.
Barreto (2010)	Amorim (2010)	Alves (2010)

Quadro 3 A dinâmica familiar na qual a mulher sertaneja está inserida.